

PRESENÇA DE TOMÁS DE AQUINO NO PENSAMENTO DE H. C. DE LIMA VAZ.

*Juliano de Almeida Oliveira*¹ - Faculdade Católica de Pouso Alegre

Resumo: Comemorou-se em 2012 o décimo aniversário do falecimento de Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002), eminente pensador brasileiro. Como homenagem à sua memória, propõe-se abordar seu modo próprio de aproximar-se ao pensamento e à obra de Tomás de Aquino, um dos inspiradores de sua reflexão filosófica, fato que se tornou cada vez mais patente nos últimos anos de sua produção. Sem ter pretensão de exaustividade, deseja-se apresentar “o Tomás de Lima Vaz” em três vertentes: a) histórica: o resgate do século XIII como cenário imprescindível para se entender a atuação do Doutor Angélico; b) metafísica: terreno de sua maior originalidade, sobretudo com o conceito intensivo de ser (*esse*); c) ética: como Tomás poderia ainda instigar o exercício do pensar filosófico na época do niilismo ético. Ter-se-á em vista colocar em relevo as mediações teóricas pelas quais Lima Vaz interpreta Tomás, suas proximidades e distâncias em relação aos vários “tomismos” contemporâneos.

Palavras-chave: Tomás de Aquino – Lima Vaz – História – Metafísica – Ética.

Abstract: In 2012 we celebrated the 10th anniversary of the death of the eminent Brazilian philosopher Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002). As a tribute to his memory, this paper proposes to present his own way of approaching the thought and work of Thomas Aquinas, one of the inspirers of his philosophical thinking, a fact that became increasingly clear in the late years of his production. We want to show that in three steps: a) historical: the rescue of the 13th century as a background for understanding Thomas Aquinas' work; b) metaphysical: the originality of Thomas Aquinas' intensive concept of being (*esse*); c) ethical: how Thomas Aquinas could still instigate the exercise of philosophical thinking in the era of ethical nihilism. This work intends to highlight the theoretical mediations by which Lima Vaz interprets Thomas Aquinas, as well similarities and differences from other contemporary Thomisms.

Keywords: Thomas Aquinas – Lima Vaz – History – Metaphysics – Ethics

Contemplari et contemplata aliis tradere.
(Tomás de Aquino)

Comemorou-se em 2012 o décimo aniversário do falecimento de Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002), eminente pensador brasileiro. Como homenagem à sua memória, propõe-se abordar seu modo próprio de aproximar-se ao pensamento e à obra de Tomás de Aquino, um dos inspiradores de sua reflexão filosófica, fato que se tornou cada vez mais patente nos últimos anos de sua

¹ Mestre e Doutorando em Filosofia pela PUC-SP; Professor da Faculdade Católica de Pouso Alegre (MG). E-mail: pejuliano@yahoo.com.br.

produção. Sem ter pretensão de exaustividade, deseja-se apresentar “o Tomás de Lima Vaz” em três vertentes: a) histórica: o resgate do século XIII como cenário imprescindível para se entender a atuação do Doutor Angélico; b) metafísica: terreno de sua maior originalidade, sobretudo com o conceito intensivo de ser (*esse*); c) ética: como Tomás poderia ainda instigar o exercício do pensar filosófico na época do niilismo ético. Ter-se-á igualmente em vista colocar em relevo as mediações teóricas pelas quais Lima Vaz interpreta Tomás, suas proximidades e distâncias em relação aos vários “tomismos” contemporâneos.

Antes, porém, é preciso voltar à própria história pessoal de Lima Vaz para se conhecer como entrou em seu iter existencial a figura de Tomás de Aquino. Seus primeiros encontros se deram quando ele era estudante da graduação em Filosofia, na Faculdade Eclesiástica da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo-RJ. Como de praxe na época, os estudantes eram introduzidos no universo filosófico através de manuais, rigidamente estruturados *ad mentem Sancti Thomae*. Em suas palavras,

O texto adotado na época (...) era a *Philosophiae scholasticae summa* de V. Remer SJ, outrora professor na Universidade Gregoriana. Esse texto sóbrio e rigoroso tinha, pelo menos, uma originalidade: a constante referência às obras de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, citadas a cada página. Ele abria, portanto, generosamente, a jovens ávidos e cheios de um entusiasmo hoje dificilmente compreensível, pelo tirânico imediatismo que nos domina, duas das fontes mais ricas do pensamento ocidental².

Com tal motivação, o jovem Henrique Vaz leu e estudou, por conta própria, o grande *Comentário* de Tomás à *Metafísica* de Aristóteles. Assim, mesmo em um ambiente que se poderia classificar como restrito, pôde se encontrar diretamente, pela primeira vez, com o Aquinate. Conheceu também, naqueles anos, as leituras neotomistas, interessando-se, sobretudo, por J. Maréchal SJ e seu tomismo transcendental³.

Tais foram os primeiros contatos de Lima Vaz com o Doutor Angélico, os quais marcaram de modo indelével a *forma mentis* do então estudante, o que se pode perceber ao longo de sua obra posterior.

Sabe-se que, em seu percurso intelectual, o pensador jesuíta se dedicou ao estudo de Platão; dos grandes autores modernos (Kant, Hegel, Marx); dos filósofos da ciência; de Teilhard de Chardin. Não deixou, contudo, aquela primeira paixão

² VAZ, H. C. L. “Bio-bibliografia”. In: PALÁCIO, C. (Org.). *Cristianismo e História*. São Paulo: Loyola, 1982, pp. 415-425, p. 416.

³ *IBIDEM*, pp. 416-417.

juvenil por Santo Tomás⁴, como aparece nitidamente nos últimos anos de sua produção, quando sistematizou seu pensamento nas monumentais obras de Antropologia e de Ética e em sua última publicação, *Raízes da Modernidade*⁵, súpula de sua visão de Metafísica. Isso sem contar os inúmeros e lúcidos artigos publicados na Revista *Síntese*, alguns deles tratando *ex professo* de Tomás, o qual também comparece indiretamente em outros.

Tendo, pois, em vista essa conaturalidade e quase cumplicidade entre o *modus cogitandi* do Aquinate e o de Lima Vaz, pode-se agora indagar como este entende a presença do grande medieval no terreno da filosofia contemporânea.

1. O Tomás da história.

A primeira “face” com que Tomás de Aquino se apresenta ao estudioso atual, segundo Lima Vaz, é a de um personagem histórico, situado em seu contexto próprio – o do século XIII, o que difere do modo estático como certas vertentes da neoescolástica quiseram apresentá-lo. Tanto o personagem quanto o contexto vêm hoje a lume com mais propriedade, a partir dos estudos que lhes foram dedicados por eminentes nomes, como M. Grabmann, M. D. Chenu, E. Gilson e, mais recentemente, J. P. Torrel⁶. Isto “tornou possível o encontro com um Tomás de Aquino que, surgindo da história, vinha ao nosso encontro em sua autêntica estatura humana, intelectual e espiritual”⁷.

Afirma Lima Vaz:

A presença de Tomás de Aquino na cultura cristã (...) pode ser representada como uma presença a três dimensões. Elas têm uma origem comum que é a própria personalidade espiritual e intelectual de Santo Tomás (...). No plano vertical situam-se as dimensões do *mestre de vida espiritual* e do *teólogo*. No plano horizontal situa-se a dimensão do *filósofo*. Nesse triedro simbólico, o que aparece em primeiro lugar é a unidade *existencial* das três dimensões. Em segundo lugar vê-se que as dimensões *espiritual* e *teológica* repousam sobre um plano *filosófico* que, delas formalmente distinto quanto à natureza, ao conteúdo e à validade das razões nele expostas, transmite-lhes, no entanto, os instrumentos

⁴ “(...) volto à meditação dos textos do Aquinate, dos quais, na verdade, nunca me afastei”. *IBIDEM*, p. 424.

⁵ Cf. *IDEM. Escritos de Filosofia VII: Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

⁶ Apenas como amostragem, pode-se conferir: TORREL, J. P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra*. São Paulo: Loyola, 1999; *IDEM. Santo Tomás de Aquino: mestre espiritual*. São Paulo: Loyola, 2008; ambos com abundante bibliografia especializada.

⁷ VAZ, H. C. L. “Tomás de Aquino: pensar a metafísica na aurora de um novo século”. *Síntese*, v. 23, n. 73 (1996b), p. 159-207, p. 165.

conceptuais que tornam possível, em termos de saber formalmente elaborado ou de ciência, a inteligibilidade humana e a coerência do discurso. Foi justamente o êxito excepcional alcançado pela intenção tomásica da *fides quaerens intellectum* que lhe conferiu essa preeminência quase paradigmática na história moderna do pensamento cristão⁸

Essa é a personalidade multifacetada, mas, ao mesmo tempo, simples de Tomás: um homem de fé, um frade dominicano, um pensador por vocação, um professor e escritor, um polemista quando necessário, um exímio trabalhador, um homem de seu tempo – eis o que emerge dos estudos históricos mais recentes sobre ele.

Leve-se também em conta o avanço da edição crítica de suas *Opera Omnia* por obra da Comissão Leonina que, mesmo procedendo passo a passo, vem oferecendo excelente material aos pesquisadores.

Os estudiosos de Filosofia Medieval podem agora com mais precisão se aproximar da pessoa e da obra do Aquinate, conhecendo as etapas de seu percurso existencial, seus métodos de trabalho, as fontes de que dispôs, a cronologia de suas obras, as reações à sua reflexão e a seu ensino, bem como tendo acesso a seus textos de forma mais acurada.

Desse modo, enquanto se assistia ao enfraquecimento cada vez maior do modelo manualístico ao longo do século XX, o pensamento de Tomás ganhava vulto, redescoberto em si mesmo e não por meio de terceiros. Daí a possibilidade de se distinguir entre o *tomanisches Denken* (pensamento tomásico) e o *tomistisches Denken* (pensamento tomista): aquele, o genuíno fruto do labor do Tomás histórico; este, a tradição de seus comentadores, nem sempre fidedignos intérpretes⁹.

No que concerne ao contexto, os estudos sobre o século XIII o delinearão como um período rico de vida social e cultural. A fundação das universidades; o movimento de traduções, que proporcionou o contato com o conjunto das obras de Aristóteles e de seus estudiosos árabes e judeus; o surgimento das ordens mendicantes e de suas correspondentes escolas filosófico-teológicas, são fatores, entre outros, que fizeram desse século o clímax da civilização medieval.

Lima Vaz colaborou, entre os autores de língua pátria, para que fosse conhecida a riqueza desse período através de textos como *Fisionomia do século XIII*¹⁰,

⁸ IDEM. “Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI”. *Síntese*, v. 25, n. 80 (1998), p. 19-42, p. 21.

⁹ IBIDEM, p. 27.

¹⁰ Cf. IDEM. *Escritos de Filosofia I: Problemas de Fronteira*. São Paulo: Loyola, 1986, pp. 11-33.

*Formação e fisionomia do século XIII*¹¹, *Roteiros doutrinários do século XIII*¹², *A crise final do século XIII*¹³, *O subsolo doutrinário do século XIII*¹⁴. Em várias passagens, Lima Vaz chama a atenção do leitor para a importância da plurissemia cultural então em curso, na confluência das tradições cristã, grega, árabe e judia. Além disso, traço característico da hermenêutica vaziana do século XIII é sua identificação como sendo o terreno em que foram lançadas as raízes da modernidade.

Na verdade, serão sementes de ideias e problemas lançadas no solo medieval que irão crescer, desenvolver-se e expandir-se sob a ação de múltiplos fatores na sociedade e na cultura, vindo a formar a grande árvore simbólica da modernidade. Ora, será no solo intelectual do século XIII que poderemos identificar mais claramente a presença dessas sementes e descobrir a primeira germinação das raízes da árvore futura¹⁵.

Tais raízes se poderão ver com mais clareza na crise do final do século, em que estarão em confronto tendências diversas na compreensão do estatuto epistemológico da Filosofia (subalternada à Teologia ou totalmente autônoma), bem como posições diferentes quanto ao avanço do aristotelismo e quanto à convivência entre fé e razão, dentro dos ambientes acadêmicos da Universidade de Paris. Neste contexto Tomás de Aquino estará envolvido, até mesmo como protagonista de alguns embates, como o que gestou sua obra *De unitate intellectus contra averroistas* (1270).

No dizer de Lima Vaz,

(...) a situação histórica de Tomás de Aquino no universo filosófico da Idade Média apresenta dois aspectos que é importante distinguir: a) um aspecto *institucional*, ou seja, o exercício de um pensar filosófico por um Mestre de Teologia e no seio da Faculdade de Teologia: um filosofar, portanto, que se contrapõe ao ideal de vida filosófica autônoma que começava a ser preconizado por alguns mestres da Faculdade de Artes; b) um aspecto *teórico*, que diz respeito à própria possibilidade e à natureza dessa “metafísica de um teólogo” (...). O primeiro aspecto põe em evidência a presença indiscutível de um rico e denso conteúdo filosófico que permeia a obra do teólogo Tomás de Aquino. O segundo nos convida

¹¹ Cf. IDEM. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 31-38.

¹² Cf. IBIDEM, pp. 39-53.

¹³ Cf. IBIDEM, pp. 55-73.

¹⁴ Cf. IBIDEM, pp. 75-93.

¹⁵ IBIDEM, p. 31.

a uma avaliação crítica desse conteúdo, ao ensaio de uma *Erinnerung* tendo em vista as virtualidades teóricas desse conteúdo na perspectiva dos problemas de um novo tempo¹⁶.

O esforço de realizar uma *Erinnerung*, ou seja, uma *rememoração*, no sentido hegeliano, do pensamento tomásico absorveu muitas das energias de Lima Vaz nos últimos anos de sua produção intelectual e inspira o presente ensaio. Em que consiste?

Trata-se do dinamismo que move a história da Filosofia no repensar as grandes obras do passado com atenção às questões do presente. A rememoração indica que a reflexão sobre os temas fundamentais da existência não começa *hic et nunc*, mas tem uma história que sempre precisa ser levada em consideração. Como afirma Mac Dowell,

Assim, o progresso da Filosofia apresenta-se como uma permanente reinvenção, onde se conjugam continuidade e descontinuidade, não repetição mecânica do já dito, mas iniciativa de sua inteira reproposição sob a forma de espontânea criação. Manifestação, por um lado, da invariância fundamental da natureza humana, na constância da problemática, sempre recorrente em níveis diversos, a rememoração remete, por outro, à radical historicidade do pensar, aberto permanentemente a novos horizontes interpretativos¹⁷.

Desse modo, como parte do método de abordagem filosófica, a rememoração é o “tornar presente na atualidade do filosofar de uma longa sequência de problemas, de temas e de sistemas que não foram mais do que a inscrição, no espaço do *conceito*, das vicissitudes culturais de um *tempo*” ou, em outras palavras, “a leitura conceptual do presente histórico a partir de toda a substância inteligível do passado”¹⁸. Segundo o filósofo mineiro, portanto, o estudo dos antigos mestres, de seus textos e de suas ideias, não é um fim em si mesmo. É um meio para que se possa refletir melhor as questões atuais.

Tal procedimento foi aplicado por Lima Vaz ao pensamento tomásico em seus vários aspectos, o que denota a reputação de pertinência de tal *corpus* para auxiliar a compreensão e a solução de desafios hodiernos. Como isso se processa? Em que se pode ainda aprender com Tomás de Aquino?

¹⁶ IDEM. *Op. cit.* (1996b), p. 167.

¹⁷ MAC DOWELL, J. “Método dialético, história e transcendência no sistema filosófico de Henrique de Lima Vaz”. In: CARDOSO, D. (Org.). *Pensadores do século XX*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2012, pp. 219-243, pp. 222-223.

¹⁸ VAZ, H. C. L. *Op. cit.* (1996b), pp. 161-162.

2. O Tomás da Metafísica

Lima Vaz possui uma grande coragem ao propor-se estudar a metafísica de Tomás de Aquino em uma época que se vangloria do título de pós-metafísica¹⁹. Com efeito, desde que Kant anunciou a impossibilidade da metafísica como ciência (sob influência de sua leitura de Hume), não faltaram vozes para anunciar o fim desta que já havia sido o coração da Filosofia. Radicalizando a postura kantiana (já que o próprio Kant ainda postulava uma metafísica dos costumes, no nível da razão pura prática), apresentaram-se ao menos duas grandes formas de crítica à metafísica: a) *positivista*, que a considerava como francamente ultrapassada, devendo ser substituída pela ciência empírico-formal, o que mais tarde foi assumido pelo neo-positivismo, cuja objeção passou ao âmbito da linguagem; b) *antropológico-cultural*, que a considerava incompatível com o antropocentrismo (pode-se ler imanentismo e finitismo) próprio do *Zeitgeist* da modernidade e, portanto, fadada ao desaparecimento. Esta última modalidade de crítica foi retomada, com nuances próprias, por Nietzsche, Heidegger e Habermas. Com Heidegger, levantou-se a acusação de que a Filosofia ocidental padecia de um *esquecimento do ser*, cuja causa seria o modelo *ontoteológico* próprio da Metafísica, a qual deveria ser substituída por um *pensamento do ser*²⁰. De Nietzsche e Heidegger procedem, em maior ou menor medida, as vanguardas ditas pós-modernas (como as de Foucault, Deleuze, Vattimo), que dominam a cena filosófica vigente, nas quais só se entra mediante o rechaço a qualquer tom metafísico.

Na ausência de um pensamento metafísico, difundem-se a absolutização da *técnica* e o *niilismo*. A primeira (já apontada por Heidegger) marca o predomínio da *poiésis* (produção) sobre a *teoria* e a *práxis*. Segundo Lima Vaz,

(...) na medida mesma em que o homem, pela produção incessante de formas e objetos técnicos, estende seu domínio sobre a natureza, ele se integra a si mesmo nesse processo de tecnificação, seja oferecendo-se como *objeto* aos procedimentos técnicos, seja submetendo-se ao “mau infinito” da geração, sem termo previsível, de novas necessidades e de novos objetos destinados a satisfazê-las (...). O homem passa a viver num mundo circunscrito pelos objetos do fazer técnico, objetos que, na sua

¹⁹ Sobre as críticas contemporâneas à metafísica, cf. VAZ, H. C. L. “Atualidade de Santo Tomás de Aquino em Filosofia”. In: SEMINÁRIO ARQUIDIOCESANO DE MARIANA. *Reflexões*, mimeo, 1996a, pp. 171-183, pp. 176-177.

²⁰ Sobre a aplicação do modelo ontoteológico heideggeriano a Tomás de Aquino e as objeções a isso, cf. OLIVEIRA, J. A. “Sobre o ‘objeto’ da Metafísica: de Heidegger a Tomás de Aquino”. *Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia*, v. 04, n. 10 (2012), pp. 49-69, pp. 61-66.

AQUINATE, n. 20 (2013), 11-27.

significação antropológica, não são senão os simulacros da sua finitude e da sua indigência²¹.

O niilismo, por sua vez, “(...) é a consequência inelutável do imanentismo antropocêntrico que caracteriza, sob aspectos diversos, todo o projeto da modernidade”²². O niilismo, no dizer de Possenti,

(...) faz parte da autoconsciência do nosso tempo, toca em profundidade a vida, o costume, a ação, inquieta e acende os ânimos. Muitos são os conceitos que vêm acoplados à ideia de niilismo: a crise dos valores e a desvalorização daqueles mais elevados, o relativismo intelectual e moral, a dissolução da ideia mesma de verdade, um pessimismo crepuscular orientado ao declínio, um sentido desesperado da finitude, ligado ao fim da concepção progressiva e ascendente da história e, por fim, o conceito de pós-história e de ‘fim da história’²³.

Um horizonte sombrio é o que paira sobre a humanidade deste início de milênio, do qual ela parece não se dar conta suficientemente. Se se quiser simplificar, é lícito falar em uma *crise do sentido*, a perda existencial do *por quê* e do *para quê*²⁴.

Seria, pois, minimamente sensato levantar novamente a bandeira da metafísica em tempos a ela tão hostis? Poderia o pensamento de Tomás de Aquino, recuperado e rememorado, lançar algumas luzes ao homem contemporâneo? Lima Vaz está convencido de que sim. Para tanto, apoia-se, especialmente, em dois ilustres hermenutas do Aquinate, quais sejam E. Gilson e J. Maréchal. Não se trata de ingenuidade ou de romantismo nostálgico. O filósofo jesuíta sabe que não é simples repropor questões metafísicas hoje: é grande, não só cronologicamente, a distância entre Tomás e o século XXI. Aposta, entretanto, na rememoração do legado tomásico, pois pensa encontrar nele indicações oportunas para estes tempos difíceis²⁵.

²¹ VAZ, H. C. L. *Op. cit.* (1996b), p. 192.

²² IDEM. *Op. cit.* (1996a), p. 177.

²³ POSSENTI, V. *Nihilismo e Metafísica: Terza Navigazione*. Roma: Armando, 2004, p. 11.

²⁴ VAZ, H. C. L. “Sentido e não-sentido na crise da modernidade”. *Síntese*, v. 21, n. 64 (1994), pp. 5-14.

²⁵ Lima Vaz não é o único pensador coevo a optar pela *Erinnerung* da filosofia tomásica como resposta às urgências atuais. Convidem esta postura, não obstante a diversidade de nuances adotadas, autores como J. Pieper, V. Possenti, A. MacIntyre, R. Spaemann. Recentemente, uma crítica a esta possibilidade foi formulada por L. B. Puntel (cf. PUNTEL, L. *Em busca do objeto e do* AQUINATE, n. 20 (2013), 11-27.

Justamente os dois maiores sintomas, já mencionados, da crise da modernidade – a absolutização da técnica e o niilismo – é que suscitam reações de caráter metafísico, estando intrinsecamente relacionados. Com efeito, a técnica contemporânea é herdeira daquela revolução operada no início da modernidade pelo método galileano, erigido em método científico *tout court*. Segundo este, toda hipótese devia ser empiricamente demonstrável para poder ser aceita como verdade. Além disso, o saber estaria relacionado à produção: saber para poder, poder para transformar (legado baconiano). Perdia-se a harmonia entre os saberes teórico, prático e poiético, já identificados por Aristóteles, de modo que a *poiésis* passava a reinar solitária. No campo da Filosofia, isso era acompanhado da mutação cartesiana que via no sujeito o polo decisivo do processo de conhecimento, o que seria posteriormente radicalizado por Kant (vigência da representação sobre o ser). Assim, o autocentramento do homem moderno – elevado a medida universal (legado protagoriano), fundamento de seu ser e de seu agir – vai de mãos dadas com o predomínio crescente da técnica sobre outras formas de saber. Desse modo, toda ânsia do homem por conhecer, por descobrir o sentido de si mesmo e da realidade, esgotar-se-ia no encontro com o mundo material, que lhe serviria de matéria-prima para a transformação em objetos, a serem medidos por seu uso e por sua utilidade. Assim, as demais pessoas e ele mesmo acabam nivelados às coisas e mensurados com a mesma régua pragmática. Eis aí as consequências mais radicais desse longo itinerário: a *coisificação do humano*, sufocado por sua própria finitude, por ele reivindicada a todo custo; um desespero claustrofóbico devido aos apertados limites de seu confinamento intramundano – *niilismo*.

Diante disso, pergunta Lima Vaz: “poderá o homem existir autenticamente nessa forma de *existência-reflexo* nele produzida pela relação recíproca com o mundo dos objetos técnicos, que acaba sendo sua referência objetiva primordial?”²⁶. Não haveria mais nenhum horizonte de sentido para o humano? Ora, tais questões são metafísicas e só podem ser respondidas metafisicamente. Formulando-se dessa maneira a questão desafiante do sentido da existência é que se abre uma brecha na couraça pós-moderna para se introduzir de modo novo o pensamento metafísico e aqui é que o homem contemporâneo pode encontrar-se com Tomás de Aquino. Com efeito, é o *ser*, enquanto *ato de existir (esse)*, o elemento central de sua metafísica. Como se pode alcançá-lo?

estatuto teórico da Filosofia. São Leopoldo: Unisinos, 2010, pp. 39-159; *IDEM. Ser e Deus*. São Leopoldo: Unisinos, 2011, pp. 52-63).

²⁶ VAZ. H. C. L. *Op. cit.* (1996b), p. 192.

O ponto de partida de todo discurso metafísico, segundo a interpretação marechaliana do Aquinate, adotada por Lima Vaz, é a *linguagem* e, mais especificamente, o *juízo*. Por juízo, na terminologia escolástica, entende-se a segunda operação do intelecto, na conjunção predicativa de dois ou mais conceitos mediante a cópula verbal. O verbo *ser*, nesta acepção, indica não apenas a predicação, mas a *existência*, a efetividade ontológica, de algo. Assim, “(...) no primeiro e mais elementar ato da inteligência judicante emerge luminosa a figura conceptual do *ser* e se abre o espaço inteligível da ciência primeira, ou *ciência do ser*”²⁷. Algo existe e pode ser conhecido. O existir dos entes é perceptível, inteligível e exprimível, o que contradiz *in limine* o niilismo radical dos céticos e funda a possibilidade de mergulhar na significação de tal ato de existir²⁸. Isto é metafísica.

Tem-se no juízo (em que ocorre o que os medievais chamavam de *separatio*, ou a operação pela qual o intelecto compõe e divide) um avanço em relação à apreensão do objeto mediante a *abstração* (primeira operação do intelecto). Nesta, alcança-se o conceito (expressão da *essência*) da coisa, mas não se diz nada a respeito de sua efetividade. No juízo, acrescenta-se à essência a existência, afirmando que aquilo *é* e se configura de tal e tal modo²⁹. Veja-se que o existir manifesta uma superabundância intrínseca, delimitada pela essência (quididade). Lima Vaz denomina tais características, respectivamente *ilimitação tética* (do ser) e *limitação eidética* (da essência). Em suas palavras, “(...) ao ser submetido ao dinamismo da *afirmação*, o juízo transgride a limitação *eidética* da síntese concretiva [conceito] e eleva o objeto ao nível da universalidade *formal* do ser (...)”³⁰. Rompe-se, deste modo, o domínio da representação e se adentra no âmbito do ser, entendido como *télos* de todo processo cognitivo. Em outras palavras, a afirmação judicativa não conduz a uma estagnação no campo lógico ou linguístico, mas avança para o real (extra-mental).

Está-se diante do *ato de existir* (*esse*), entendido por Tomás não como um acidente da essência, mas como “a atualidade de todo ato e a perfeição de todas as perfeições”³¹. Segundo ele, “o ser (*esse*) é o que há de mais perfeito entre todas as coisas, pois a todas se refere como ato. E nada tem atualidade senão enquanto é; o

²⁷ *IBIDEM*, p. 180.

²⁸ Para ulteriores aprofundamentos, cf. LANDIM FILHO, R. “Predicação e juízo em Tomás de Aquino”. *Kriterion*, v. 47, n. 199 (2006), pp. 27-49.

²⁹ Para fundamentação e aprofundamento, cf. TOMÁS DE AQUINO. *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999, q. V, aa. 1-4.

³⁰ VAZ, H. C. L. *Op. cit.* (1996b), pp. 182-183.

³¹ TOMÁS DE AQUINO. *Quaestiones disputatae de potentia*, q. 7, a. 2, *ad nonum*. In *IDEM. Quaestiones disputatae*, v. 2. Roma: Marietti, 1965.

AQUINATE, n. 20 (2013), 11-27.

ser é, portanto, a atualidade de todas as coisas, até das formas”³². Este é o maior traço de originalidade do pensamento tomásico em relação à metafísica grega.

Percebe-se, pois, que há uma diferença entre essência e ato de ser. Tal diferença é própria de todo ente finito, já que o existir não decorre espontaneamente da essência, devendo ser a ela agregado de fora por uma causa eficiente, a qual, por sua vez, já deve estar em ato. O ser (*esse*) é entendido sempre como ato perfectivo, que tira a essência do campo da simples possibilidade e lhe dá efetividade. Assim, o binômio potência-ato encontra sua aplicação mais pertinente na relação essência-ser. Daqui brota uma nova arrancada da Filosofia, uma metafísica original, de cunho verdadeiramente existencial, para além da matriz grega, já que engloba também aportes advindos da Revelação judaico-cristã. Com efeito, o ato de ser não brota da própria essência, mas vem de fora, de outro, daquele que simples e absolutamente é: *Ego sum qui sum* (Ex 3, 14), Causa primeira e suma do todo do real. Eis o que Gilson chamou de *metafísica do Êxodo*³³. Alcança-se o horizonte de um absoluto real, já indicado pela ilimitação tética do ato de ser expresso no juízo. Deus é superabundância de ser, distinguindo-se do nível dos entes finitos que têm o existir na medida de sua essência. Deus, simples e infinitamente, é – nele, essência e ser são o mesmo. Por isso, Tomás o denomina *Esse ipsum subsistens* (o Ser subsistente por si mesmo). Além disso, é por participação em seu ser (*esse*) que os entes finitos existem³⁴.

Delineiam-se os contornos do pensamento metafísico tomásico, que a leitura vaziana interpreta segundo o movimento da representação ao ser e do ser ao Absoluto.

Com efeito, a posição do ser no juízo implica reflexivamente: a) a *separatio* do existir (*esse*) como perfeição suprema do ser e a impossibilidade da identificação do *esse* e da *essentia* no [ente] finito, estruturalmente submetido à limitação eidética que tem lugar na formação do conceito; b) a referência ao Absoluto como polo unificador da pluralidade de dicções da predicação do ser, tendo em vista a unidade analógica do seu conceito;

³² TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.* I, q. 4, a. 1, *ad tertium*. In IDEM. *Suma Teológica*. Trad. C.-J. P. Oliveira et al. 9 vv. São Paulo: Loyola, 2001-2005.

³³ VAZ, H. C. L. *Op. cit.* (1998), p. 38.

³⁴ Emergem, desse modo, os conceitos de participação e analogia. *Participação* é entendida como o realizar parcialmente em si, na medida da própria essência, o *esse*, que em Deus é pleno, e por obra dele. Seria, pois, o nome filosófico de criação. *Analogia* significa o modo de atribuição de um predicado a Deus e aos entes finitos, que se realiza por semelhança e dessemelhança, já que, para Tomás de Aquino, nada pode ser predicado de ambos univocamente. Assim, o ser (*esse*) se predica tanto de Deus quanto das criaturas: daquele, de modo infinito; destas, de modo finito. Cf. TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.*, I, q. 13, a. 5.

AQUINATE, n. 20 (2013), 11-27.

c) a ordenação ao Absoluto do dinamismo do espírito que impele a atividade judicativa da inteligência³⁵.

Esta releitura vaziana ocorre, não se esqueça, no contexto da crise da modernidade. De acordo com o filósofo jesuíta, a riqueza da metafísica tomásica, por um lado, resiste a toda crítica positivista e ontoteológica (que inviabilizaria o discurso metafísico), por outro, responde à questão do sentido da existência que urge os pensadores contemporâneos. Em suas palavras,

(...) a metafísica do ato de existir mostra-se perfeitamente apta a contrapor-se com êxito às duas críticas, a neo-positivista de um lado e a antropológico-cultural, do outro. Por um lado, a inteligibilidade das proposições metafísicas não se situa na linha do conhecimento empírico-formal próprio das ciências ou das definições operacionais que dele resultam. O existir metafísico não é o existir do objeto sujeito das proposições empíricas e das operações técnicas. Por outro lado, a inteligibilidade intrínseca do ato de existir e o dinamismo do espírito mostram a inconsistência do postulado do antropocentrismo e da negação da transcendência que dele decorre e sobre os quais se apoia a crítica antropológico-cultural da metafísica³⁶.

Lima Vaz ainda afirma que a leitura onto-teológica da história da metafísica tornou-se o instrumento conceptual privilegiado para quem buscou dar um adeus definitivo ao pensamento metafísico³⁷. Tomás, contudo, como muitos estudiosos já evidenciaram, isenta-se de qualquer proximidade com tal modelo³⁸.

Quanto às questões candentes da crise da modernidade, assevera Lima Vaz:

³⁵ VAZ, H. C. L. *Op. cit.* (1996b), p. 187.

³⁶ *IBIDEM*, pp. 178-179.

³⁷ *IBIDEM*, p. 190.

³⁸ “Conclui-se, portanto, que Tomás de Aquino jamais cai no que Heidegger chama de onto-teologia, da qual se aproximam muito mais Duns Scot e Suarez, bem como se afasta completamente de um esquecimento do ser, já que o *esse* é um dos elementos mais importantes de seu pensamento filosófico. De fato, segundo o Aquinate: a) Deus não entra no campo da Metafísica como seu *subiectum*; b) Deus não é entendido como um ente, mas como o *Esse ipsum subsistens*; c) a causalidade que Deus opera em relação aos entes e a seu ser (*esse commune*) nada possui de reciprocidade, isto é, não implica que ele seja conceitualmente fundado pelos entes: Deus não se deixa capturar em um conceito, já que o intelecto finito é incapaz de apreendê-lo em sua essência mesma; d) Deus não é entendido como *causa sui*, subtraindo-se a toda auto-fundação metafísica” OLIVEIRA, J. A. *Op. cit.*, pp. 65-66.

AQUINATE, n. 20 (2013), 11-27.

Com efeito, na aurora de um novo século que deverá assistir a um irresistível avanço da técnica, a descoberta do horizonte transcendental do *existir* na afirmação judicativa mostra que o homem, enunciador do juízo e portador da intencionalidade infinita do *logos* do ser, só irá alcançar a profundidade do seu *existir autêntico* na transgressão de todas as fronteiras que a limitação eidética dos objetos técnicos lançar diante dele. Em outras palavras, como ensina Tomás de Aquino, um ser [ente] que assume o infinito ônus metafísico de enunciar o *existir* dos seres [entes] só pode existir autenticamente ao assumir sua abertura constitutiva ao Absoluto: no consentimento às formas absolutas da Verdade e do Bem e no reconhecimento da ordenação de todo seu ser ao Existir transcendente absoluto³⁹.

Com isso, é permitido dizer que “na alma profunda do *homo technicus* subsiste o *homo metaphysicus*”⁴⁰. Aí está mais uma “face” com a qual Tomás de Aquino surge no cenário atual, segundo a hermenêutica vaziana.

3. O Tomás da Ética

Um dos temas mais presentes na atual produção filosófica é, indiscutivelmente, a problemática ética. Lima Vaz não poderia se furtar a dedicar-se à reflexão sobre tal questão, consagrando-lhe muitas páginas de uma lucidez raramente encontrada entre seus pares.

A expressão “nihilismo ético” aparece várias vezes em sua produção filosófica nos últimos quinze anos de sua vida. Pensa-se aqui, em especial, em sua trilogia *Ética e civilização*, *Ética e comunidade* e *Ética e razão moderna*, artigos publicados na Revista *Síntese* e, posteriormente agrupados em *Escritos de Filosofia III*⁴¹. Lima Vaz vê o fenômeno do nihilismo como ligado à filosofia nietzscheana, à sua transvaloração de todos os valores, à morte de Deus e dos ideais elevados de humanidade. Nietzsche, contudo, não seria mais que um porta-voz, ainda que contundente ao extremo, do *Zeitgeist*, da cosmovisão moderna ou, como lhe chama Lima Vaz, o “enigma da modernidade”, por ele caracterizado como o

trágico paradoxo de uma civilização sem ética ou de uma cultura que no seu impetuoso e, aparentemente, irresistível avanço para a universalização,

³⁹ VAZ, H. C. L. *Op. cit.* (1996b), pp. 192-193.

⁴⁰ *IBIDEM*, p. 193.

⁴¹ Cf. *IDEM. Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1997.

não se fez acompanhar pela formação de um *ethos* igualmente universal, que fosse a expressão simbólica de suas razões de ser e do seu sentido⁴².

As raízes do niilismo são apontadas por Lima Vaz a partir de uma tríplice ruptura: com a estrutura teleológica do *ethos*; com a tradição, devido à primazia moderna do futuro em relação ao passado; com o fundamento transcendente do valor e das normas da ação humana, substituído pela imanentização do sentido. Desse modo, as raízes do niilismo contemporâneo são encontradas por Lima Vaz no mesmo solo que engendrou a civilização moderna, a partir do antropocentrismo que lhe foi inculcado desde a época do Renascimento⁴³.

Para Lima Vaz, a época contemporânea tem assistido não à dissolução do projeto moderno, mas à sua consolidação como forma definitiva da civilização ocidental, sob a égide da tecno-ciência. A crise da modernidade seria, assim, uma crise de finalização, acabamento e não de supressão. O niilismo seria o fruto amargo desta civilização que quis abandonar os fundamentos metafísicos da realidade e da práxis ética, que quis vincular o ser e a razão ao nada. Aí estaria a suprema violência contra o homem, despojando-o de sua condição propriamente humana ao postular o vazio metafísico-ético, se assim se pode dizer, como seu único possível horizonte de existência. Segundo suas palavras, em seu último livro, sobre as raízes da modernidade:

Em virtude da seiva que corre a partir dessas raízes, julgamos não ser temerário afirmar que o único fim previsível para o ciclo da modernidade seria a eliminação de todo tipo de pergunta radical em torno do sentido da existência e da vida, que primeiro se formulou segundo definidos parâmetros intelectuais no terreno da teologia. O triunfo definitivo do *niilismo* metafísico e ético assinalaria então o fim da modernidade⁴⁴.

Tomás de Aquino faz-se também notar em tal âmbito do pensar filosófico com sua concepção de Ética – em que se articulam harmoniosamente elementos vindos do aristotelismo e inspirações bíblico-cristãs – que se encontra consignada na Parte II da *Suma Teológica*⁴⁵.

⁴² IDEM. “Ética e civilização”, *Síntese*, v. 17, n. 49 (1990), pp. 5-14, p. 10.

⁴³ PERINE, M. “A ética e a crise da modernidade: Uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz”. *Cadernos IHU Idéias*, n. 88 (2007). São Leopoldo: Unisinos, pp. 6-7.

⁴⁴ VAZ, H. C. L. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 30.

⁴⁵ Uma visão mais abrangente da abordagem vaziana da Ética tomásica pode ser encontrada em IDEM. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1999, pp. 209-240.

De acordo com Lima Vaz,

Santo Tomás recebe, pois, e integra à sua visão cristã do homem, a magistral análise aristotélica da ação humana enquanto ação *ética*, isto é, submetida à norma do Bem e ordenada à auto-realização ou ao ‘bem-viver’ (*eu zen*) do qual decorre para o homem a vida feliz, que é a vida no bem (*eudaimonia*)⁴⁶.

Isso se dá em dois aspectos: a) quanto à questão da vida feliz (ou beatitude), como fim do agir humano; b) quanto à virtude. O primeiro diz respeito à conjugação da finalidade natural do homem com a sobrenatural, tema que ocupou muitos pensadores cristãos na primeira metade do século XX, como, por exemplo, H. de Lubac. Para Tomás, há no ser humano um *desiderium naturale videndi Deum*, que aponta para além daquilo que ele poderia alcançar por suas próprias forças. O segundo, sobre a virtude, entende-a como perfeição atingida através do hábito, coadjuvada e completada pela graça divina, que possibilita alcançar teleologicamente o Bem, fim último do homem.

Desse modo, a ética tomásica, herdeira a um tempo do fundamento filosófico aristotélico e da tradição cristã, aponta para o fato de que o ser humano não tem em si mesmo o arbítrio definidor do bem e do mal, encontrando o fundamento e a finalidade de seu agir lá onde encontra os do seu ser: em Deus, Princípio e Fim da existência humana, segundo os célebres axiomas: *agere sequitur esse e gratia non tollit naturam sed supponit et perficit eam*.

Em dois pontos, portanto, pode-se ressaltar a atualidade questionadora do pensamento ético de Tomás frente à cosmovisão contemporânea: a) a *transcendência* como horizonte do agir humano, que o arranca à circunscrição no ensimesmamento niilista; b) a noção de *virtude*,

(...) assegurando à *existência ética* ao mesmo tempo a sua consistência ontológica – como *hábito*, a virtude pertence à categoria da qualidade que determina o ser em si mesmo, conferindo-lhe o seu perfil existencial próprio (...) – e o seu dinamismo histórico na medida em que, pela virtude, o sujeito ético avança progressivamente no caminho de sua auto-realização ou de atualização de sua perfeição própria como sujeito racional e livre⁴⁷.

Neste sentido, vê-se uma revalorização do pensamento tomásico na obra de A. MacIntyre⁴⁸.

⁴⁶ IDEM. *Op. cit.* (1996a), p. 180.

⁴⁷ IDEM. *Op. cit.* (1999), p. 233.

⁴⁸ MACINTYRE, A. *Depois da virtude: um estudo em teoria moral*. Bauru: EDUSC, 2001. AQUINATE, n. 20 (2013), 11-27.

Conclusão

Procurou-se neste estudo assinalar a presença inspiradora de Tomás de Aquino no desenvolvimento da reflexão filosófica de H. C. de Lima Vaz, bem como o modo próprio da abordagem que este faz da obra do Santo Doutor.

Nestas palavras conclusivas, deseja-se chamar a atenção para alguns elementos importantes de tal relação, que expressam o que se pode entender como “o Tomás de Lima Vaz”.

1. A aproximação que Lima Vaz realiza à pessoa e à obra de Tomás de Aquino se faz mediante as vertentes do tomismo do século XX assinaladas pelos nomes de E. Gilson e J. Maréchal, ou seja, na via da *reconstituição histórica* do contexto e da biobibliografia do Aquinate, bem como na via da *redescoberta da metafísica* como núcleo de seu pensamento, capaz de se posicionar como instância interlocutora frente às maiores correntes filosóficas modernas e contemporâneas.
2. O método pelo qual Lima Vaz alcança o pensamento tomásico não é o da repetição a-histórica nem o da arqueologia erudita de ideias, mas sim o da *rememoração*, como “memória do espírito no tempo”⁴⁹, dimensão intrínseca ao próprio ato de filosofar, que ruma o legado dos grandes mestres do passado tendo diante dos olhos as interrogações do próprio tempo.
3. O cerne da filosofia tomásica é encontrado na metafísica do ato de existir (*esse*), ao qual se chega mediante a teoria do juízo: “primazia do *existir* na ordem da inteligibilidade metafísica e dinamismo da *afirmação judicativa* orientado para o *Existir absoluto*, eis, portanto, as teses fundamentais com que a metafísica tomásica se apresenta no limiar do novo século”⁵⁰.
4. O dinamismo do *diálogo entre o religioso e o racional*, que encontra em Tomás de Aquino um vértice dificilmente superável, constitui-se, na atualidade, grande desafio para o pensamento filosófico que tende a marginalizar, senão a excluir, qualquer tese ou proposição de proveniência teológica – fato que Lima Vaz procura enfrentar com a coragem de propor uma reflexão séria e substancial de inspiração cristã no contexto contemporâneo.
5. Não se pode deixar de perceber certa *conaturalidade* entre o modo de Tomás de Aquino e Lima Vaz entenderem seu papel como intelectuais

⁴⁹ VAZ, H. C. L. *Op. cit.* (1998), p. 37.

⁵⁰ VAZ, H. C. L. *Op. cit.* (1998), p. 40.

cristãos (professores e escritores), imbuídos das riquezas da tradição e urgidos por questões espinhosas de seu tempo. Como afirma P. Meneses: “Que tanto encontrava Vaz em Tomás de Aquino? Parece paradoxo o que vou dizer: encontrava-se a si mesmo. Tal era a conaturalidade que os unia, que em Tomás se encontrava e se expressava, se descobria e se inventava”⁵¹.

Por fim, deseja-se conceder ainda uma vez a palavra a Lima Vaz, para um arremate das considerações acima propostas:

Que forma do *existir* irá saciar a fome do ser que se eleva das camadas mais profundas do espírito humano no seu *élan* incoercível para as expressões mais altas da inteligência e do amor? Nossos semelhantes no século XXI viverão talvez mais dramaticamente do que nós essa interrogação, na medida em que seu universo humano será cada vez mais ocupado pelos *objetos técnicos* em incessante produção. Irá a *objetividade* técnica oferecer-se, finalmente, como único alimento à carência metafísica de nosso espírito? Ao contrário, tudo nos leva a crer que, em meio à abundância sem fim dos objetos técnicos, mais aguda se fará no ser inteligente e livre a fome de um alimento mais substancial para o espírito. Onde buscá-lo senão na tradição teológico-religiosa e na tradição metafísica? Será justamente na encruzilhada desses dois milenares caminhos espirituais que, na aurora do terceiro milênio, se elevarão uma vez mais a figura exemplar de Tomás de Aquino e sua obra imensa⁵².

⁵¹ MENESES, P. “Vaz e Tomás de Aquino”. In: MAC DOWELL, J. (Org.). *Saber filosófico, história e transcendência*. São Paulo: Loyola, 2001, pp. 65-69, p. 65.

⁵² VAZ, H. C. L. *Op. cit.* (1998), pp. 41-42.